# Concurso Escolar de Escrita Criativa

## 4.ª e 5.ª edições

Rede de Bibliotecas Escolares de Cascais




CASCAIS
Para toda a vida



# ÍNDICE


**Prefácio** | P. 7

**4.ª Edição | 2024/2025**

**1.º Ciclo** | Diário de um objeto perdido. Conta a história de um objeto comum (por exemplo, um guarda-chuva, uma moeda, uma mochila, um telemóvel) que foi perdido e encontrado várias vezes.

**Diário de um objeto perdido** | P. 13
Carolina Dias Peixoto | 4.º Ano | 1.º lugar

**Diário da moeda perdida** | P. 14
Diego Félix Rodrigues | 4.º Ano | 2.º lugar

**Lá vou eu, de mão em mão** | P. 15
Maria Luísa Salgueiro | 4.º Ano | 3.º lugar

**2.º Ciclo** | Diário de um objeto perdido. Conta a história de um objeto comum (por exemplo, um guarda-chuva, uma moeda, uma mochila, um telemóvel) que foi perdido e encontrado várias vezes.

**Sem título** | P. 19
Miguel Faria Duarte | 6.º Ano | 1.º lugar

**A vida do chapéu** | P. 22
Constança Maria Lopes | 6.º Ano | 2.º lugar

**Um peluche perdido** | P. 25
Carolina Madeira | 6.º Ano | 3.º lugar

**3.º Ciclo** | Diário de um objeto perdido. Conta a história de um objeto comum (por exemplo, um guarda-chuva, uma moeda, uma mochila, um telemóvel) que foi perdido e encontrado várias vezes.

**Para sempre um guarda-chuva** | P. 31
Inês Fontoura | 9.º Ano | 1.º lugar

**O dia em que o tempo passou** | P. 34
Daniel Silva Torrete | 8.º Ano | 2.º lugar

**Diário de um objeto perdido** | P. 37
Giovanna Rosado Pinto | 9.º Ano | 3.º lugar

**Ensino Secundário** | Diário de um objeto perdido. Conta a história de um objeto comum (por exemplo, um guarda-chuva, uma moeda, uma mochila, um telemóvel) que foi perdido e encontrado várias vezes.

**Diário de um objeto perdido** | P. 43
Melissa Figueiredo | 12.º Ano | 1.º lugar

**Sem título** | P. 46
Clara Inês Matos | 11.º Ano | 2.º lugar

**Sem título** | P. 49
Mila Loureiro | 12.º Ano | 3.º lugar



**5.ª Edição | 2025/2026**

**1.º Ciclo** | O navio-fantasma. Um navio-fantasma aparece no horizonte, trazendo mensagens do passado. O que é que ele quer e de que forma isso afeta o presente?

**O navio-fantasma** | P. 57
Ana Beatriz Moreira | 4.º Ano | 1.º lugar

**O navio-fantasma** | P. 58
Catherine Kay Gardiner | 4.º Ano | 2.º lugar

**Sem título** | P. 59
Tiago Ramos Sequeira | 4.º Ano | 3.º lugar

**2.º Ciclo** | O segredo escondido numa fotografia antiga. Uma história baseada numa imagem que guarda uma verdade surpreendente.

**Tenho saudades, avô** | P. 63
Clara Rodrigues Teixeira | 6.º Ano | 1.º lugar

**Os meus antepassados** | P. 66
Tiago Ribeiro Campos | 5.º Ano | 2.º lugar

**Sem título** | P. 68
Maria Luísa Salgueiro | 5.º Ano | 3.º lugar

**3.º Ciclo** | A carta que nunca foi enviada. Encontras uma carta antiga que revela um segredo capaz de mudar a vida de alguém. O que fazes com essa informação? De que forma isso te afeta a ti e às pessoas em teu redor?

**Sem título** | P. 75
Miguel Faria Duarte | 7.º Ano | 1.º lugar

**As cartas do meu avô** | P. 78
Maria Vitória Belarmino | 9.º Ano | 2.º lugar

**Sem título** | P. 80
Sofia Martelo | 8.º Ano | 3.º lugar

**Ensino Secundário** | O dia em que a Internet desapareceu. Quando o mundo ficou offline, descobri algo de novo.

**A fuga** | P. 87
Rebeca Martins Vitorino | 12.º Ano | 1.º lugar

**O mundo para além dos ecrãs** | P. 90
Alice Alves Santos | 11.º Ano | 2.º lugar

**Um evento, mil consequências** | P. 93
Matilde Cerqueira Bessa | 12.º Ano | 3.º lugar

# Prefácio

Com temas que lançam o desafio à imaginação dos mais pequenos, apresentamos o livro que reúne os textos vencedores da 4.ª e 5.ª edições do Concurso Escolar de Escrita Criativa da Rede de Bibliotecas Escolares de Cascais.

Com mais de 3000 participantes, este pequeno livro contém grandes histórias, escritas por alunos do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos e do Ensino Secundário das escolas do nosso concelho.

Aqui, encontramos diários com objetos perdidos, navios-fantasma, fotografias antigas, cartas que nunca foram enviadas e contos que imaginam um mundo cada vez mais distante: como seria um dia de um jovem sem internet? Contam-nos a vida de guarda-chuvas e anéis, ensinam-nos o que só é possível aprender com os avós, falam-nos de saudades e há até quem tenha descoberto um mundo para lá dos ecrãs.

Publicamos estas histórias na sua versão original, com a voz de quem as escreveu, porque é essa que importa ouvir. São vozes que provam que os nossos jovens conhecem as suas raízes. Já têm memória e identidade.

Aos professores bibliotecários, o meu reconhecimento pelo trabalho, tantas vezes invisível, de organizar, acompanhar e avaliar cada texto. É graças ao seu empenho que as nossas bibliotecas são lugares onde a criatividade se ensina e se celebra. Agradeço também aos docentes e às famílias, que todos os dias ajudam os mais novos a encontrar as suas próprias palavras.

Quem sabe de onde vem sabe para onde vai. E o futuro já se escreve em Cascais.

**Nuno Piteira Lopes**
Presidente da Câmara Municipal de Cascais

# 4.º Concurso Escolar de Escrita Criativa

# 1.º Ciclo

Diário de um objeto perdido. Conta a história de um objeto comum (por exemplo, um guarda-chuva, uma moeda, uma mochila, um telemóvel) que foi perdido e encontrado várias vezes.



# Diário de um objeto perdido

Querido diário, hoje tive uma grande aventura: estava eu no cesto da roupa suja juntamente com as minhas irmãs meias e amigas cuecas todas malcheirosas e despenteadas, prontas para um banho de relaxamento e beleza, quando acordei despida e solitária no meio da máquina de lavar. Chorei até ficar mais molhada do que quando sai da lavagem! Tremia de frio, quando sinto uma enchente de roupa enlameada a esborrachar-me contra o vidro.

Pedi, educadamente, que tirassem aqueles elásticos de cima de mim, mais parecia que me ignoravam ou que não me entendiam.

Dei voltas e mais voltas dentro daquela máquina. Temi pela minha vida!

Achei que me queriam fazer mal até perceber que afinal falavam era outra língua. Os donos, um casal de estrangeiros que passava férias em Portugal, estava a organizar as malas para voltarem ao seu país, a Inglaterra.

E agora querido diário? Será que me irei adaptar aos novos detergentes e gavetas? Será que vou caber nos pés destes donos? Dizem que têm os pés grandes. Irei passar uma vida esticada e sem par? Ou acabarei a vida a meias com uma meia desconhecida?

Prometo contar as novidades assim que aterrar em Inglaterra.

Até amanhã!

**Carolina Dias Peixoto** | 4.º Ano
Agrupamento de Escolas de Alvide | 1.º lugar

# Diário da moeda perdida

Olá eu sou uma moeda, muito pobre, mas também valiosa, não gosto do meu trabalho. O meu dono está sempre a deixar-me dentro de uma caixa ao lado de moedas que já não valem nada, e o meu trabalho é ficar ali.
Certo dia o meu dono tirou-me da caixa, usou-me para comprar um café. O dono da loja não me aceitou e disse ao meu dono para ele sair dali, quando chegámos a casa o meu dono atirou-me para a sanita, antes de me atirar vi lágrimas nos olhos dele. Passei por esgotos, sanitas e outras coisas que nem vão querer saber e foi quando cheguei ao mar, um lugar frio, mas calmo.
Observei e vi uns nadadores com um fato de banho a dizer "Jogos Olímpicos" em cima de um muro, também vi o meu antigo dono a aplaudir aos nadadores. Enquanto eu afundava o meu dono pegava num microfone e dizia bem alto quem ficou em terceiro, em segundo e quem ficou em primeiro lugar. Foi quando um monitor olhou para o mar e viu-me, mergulhou e apanhou-me, ele encaixou-me numa espécie de fita e entregou ao primeiro lugar.
Nessa altura percebi que não era uma moeda pobre, mas sim uma medalha de ouro das olimpíadas. E acreditem ou não este novo dono era bem melhor.

**Diego Félix Rodrigues** | 4.º Ano
Agrupamento de Escolas de Alcabideche | 2.º lugar



# Lá vou eu, de mão em mão

Quarta-feira, 22 de novembro
Querido diário, sou eu, o guarda-chuva. Não sei se sabes quem sou, mas estou a escrever para não me sentir sozinho. Escrever leva-me para um sonho, um sonho bonito. Além disso fui perdido.
Estava nas mãos de um velho idoso que por acaso me deixou cair quando...
Não pode ser! Estou a ser levado por alguém! O que irá acontecer!?
Oh... estou dentro de um apartamento e acho que não gostam da minha cor. Vão pintar-me de amarelo! Blhac! Sinto-me peganhento!
Hoje vou ser levado à rua! Oh, mas que tristeza, estou neste passeio frio e todo calcetado outra vez! Não posso crer que isto vá acontecer outra vez! Bom, continuando a história do velhinho...
Como é que isto pode ser verdade, estou a ser levado novamente!
Deves estar a pensar – que grande lata! – Mas olha que não!
Tenho novidades! Esta casa é quentinha e aconchegante como um peluche! Vão trocar-me o cabo, está todo enferrujado.
Hoje vou à rua. Digo isto como se fosse a minha primeira vez a ir lá fora, só espero não me perder outra vez!
Perdi-me. Acho que vou ficar aqui para sempre e...
Oh, não, "Lá vou eu, de mão em mão"...

**Maria Luísa Salgueiro** | 4.º Ano
Agrupamento de Escolas de Alapraia | 3.º lugar

# 2.º Ciclo

Diário de um objeto perdido. Conta a história de um objeto comum (por exemplo, um guarda-chuva, uma moeda, uma mochila, um telemóvel) que foi perdido e encontrado várias vezes.



# Sem título

Olá! Sou uma aliança de casamento e esta é a minha história!
Nasci numa fábrica. Quando dei por mim, lá estava eu, num novo mundo para explorar, ao lado de muitas irmãzinhas exatamente iguais a mim. Depois, puseram-me numa caixa escura, ao lado das minhas irmãs. Elas também pareciam muito ansiosas. Quando a caixa se abriu, um senhor de barba pegou em mim e pôs-me na montra de uma loja. À minha frente, havia um vidro, e daí conseguia ver centenas (para não dizer milhares) de pessoas a passar diariamente.
No dia em que a nossa história começa, um senhor entrou na loja de joalharia (ou seja, lá como aqueles humanos esquisitos lhe chamam). "PLIM!" – Fez o sininho da loja, ao entrar. Os humanos trocaram palavras entre si e no final, o senhor que tinha entrado na loja veio para o pé de mim e tirou-me da montra. Depois, olhou para mim e disse:
– É perfeita! Quanto custa? – perguntou ele ao senhor da loja. Trocaram mais algumas palavras, e, no final, tiraram-me da montra e puseram-me numa caixinha do meu tamanho, com um buraco para eu me poder sentar. Era muito confortável, e dava para fazer umas boas sestas.
E assim, fazia umas sonecas dia e noite, sempre e sem parar. Até que um dia, a caixinha abriu-se. Estava imensa luz e demorei um pouco a habituar-me. Quando percebi o que se estava a passar, ouvi uma voz dizer:
– ... casar comigo? – disse uma voz familiar. Era o senhor que me comprou. A seguir, reparei numa mulher que estava à minha frente. Ela disse:
– Sim! – e a mulher desatou a chorar, supostamente de alegria. De seguida, o homem pegou em mim e pôs-me no dedo dela. Não gostei nada. Face à caixa em que eu estava, aquele sítio era extremamente desconfortável.



Uns dias mais tarde, chegou o dia do casamento. Estavam lá imensas pessoas de fato e gravata. De repente, a mulher fez uma pirueta e eu saí disparada do dedo dela. Várias pessoas tentaram encontrar-me, mas eu tinha caído numa sarjeta e ido parar ao esgoto. Caí em cima de um garrafão de plástico, e por acaso até me teria divertido imenso a surfar aquelas águas, não fosse o facto de aquele cheiro ser daqueles em que se cheira e se vomita logo a seguir. Depois, o esgoto foi dar a um rio, e estava quase a chegar ao mar, quando de repente pegaram em mim. Quando olhei, vi um menino de fato de banho a brincar, fingindo que eu era um míssil a atingir um camião onde supostamente estavam os mauzões a fugir, na brincadeira dele. Quando o sol se começou a pôr, ele pôs-me no bolso dos calções e levou-me para casa dele.

Uns minutos mais tarde, ele tirou-me do bolso e pousou-me numa cómoda. Depois, foi para a cozinha e fechou a porta. Olhei para aquela casa: um corredor com uma luz acesa, umas flores e a porta de entrada. De repente, senti o móvel a ser abanado, como um grande tremor de terra. A seguir, uma pata com garras atingiu-me e saí disparada pela janela fora.

Deslizei estrada abaixo e fui parar em cima de um skate, não me perguntes porquê. Fiquei ali parada, enquanto ia avançando estrada fora, em cima da minha boleia gratuita. Depois quando o skate parou, fui projetada para a frente e rolei em cima do passeio. De repente, um pé enorme caiu em cima de mim. Tentei mexer-me, mas estava presa. Quando me libertaram, uma menina com auscultadores nos ouvidos pegou em mim, e decidiu pôr-me no seu dedo anelar. Mais uma vez, era muito desconfortável. Estava a chegar a uma praia, quando ela tropeçou e caiu ao chão, e eu fui atirada para a areia com tanta força, que fiquei enterrada. Passaram-se dias e noites, e eu ali sem nada para fazer, no meio da escuridão.



Um dia, senti uma coisa a passar por baixo de mim com muita força. A seguir, fui levantada e voei pelo ar, juntamente com um monte de areia. Uma pá estava mesmo atrás de mim. Voei pelo ar muito alto, tanto que quase bati numa gaivota, e aterrei na barriga grande e peluda de um senhor de óculos de sol, deitado numa toalha. Ele acordou e olhou para mim, e depois guardou-me numa mochila. Umas horas mais tarde, esse senhor pegou na mochila e ia levar-me para casa, até que saltei para fora da mochila, aproveitando o facto de estar aberta, e aos saltos com os passos do senhor. Aterrei no chão de um parque de estacionamento, e rolei pelo alcatrão fora, até que um bebé que estava a gatinhar pegou em mim, e por sua vez a mãe desse bebé pegou nele e levou-o para casa.

Quando lá chegámos, o bebé pegou em mim e não me largou o tempo todo. Brincava e dormia comigo. Uns anos mais tarde, o "bebé" ia a passar por uma rua, já adulto, quando, de repente, pegou em mim e disse para uma senhora jovem à sua frente:

– Queres casar comigo?

E começou tudo outra vez: o casamento, o esgoto, a criança do rio, o skate, os anos a fio debaixo da areia e isso tudo, várias e várias vezes. Neste momento, estou no skate, depois da patada do cão, pela décima segunda vez, a escrever o meu diário mental. Só sei que esta aventura nunca vai acabar. E sinceramente, ainda bem.

**Miguel Faria Duarte** | 6.º Ano
Agrupamento de Escolas Frei Gonçalo de Azevedo | 1.º lugar

# A vida do chapéu



Era uma vez um chapéu cuja beleza era inevitável. Era verde clarinho, de pele sedosa e macia. Tinha uma grande beleza exterior, mas interior nem tanta. Era muito vaidoso, ganancioso e fútil. Nada mais lhe importava senão a beleza...

Em tempos, era um chapéu de uma adolescente que o havia comprado numa feira. A menina adorou-o e andava com ele quase todos os dias. Era de dois em dois dias lavado cuidadosamente e invejado por todos os chapéus que ao pé dele passavam.

Certo dia essa menina estava com ele num parque. De repente começa a chover torrencialmente e a menina tira o chapéu, guardando-o na sua mala. O grande problema, é que esta não sabia que a sua mala estava aberta, e sem se aperceber o vaidoso chapéu cai na lama e lá fica o resto do dia.

– Valha-me Deus! Caí na lama e não tenho pernas para voltar para a minha dona de que tanto gosto. Estou todo enlameado, que nojeira! – diz o chapéu para os seus botões.

Um pombo pousa ao seu lado e diz na sua voz estridente e irritante:

– É o teu castigo por seres um grande vaidoso e ganancioso! Podes crer que é!

O chapéu resmunga e lá fica na lama por mais quatro dias. Estava a ficar sujo e contaminado, e todos os que passavam por ele nem se davam conta da sua existência, até àquele momento:

– Mãe, mãe!! Olha que chapéu bonito, posso ficar com ele?? – diz uma rapariga aos pulinhos.

– Nem sonhes! Está todo sujo, corres o risco de ficar doente, ouve o que te digo!

A pobre menina suspira melancolicamente, mas não desiste! Sem a mãe se dar conta, pega no chapéu e num bebedouro ali perto, lava-o delicadamente com as suas mãos, pequenas e macias.



– Pronto, não posso ficar contigo, mas ao menos já estás limpinho... que bonito que és, estou impressionada! Adeus, pequeno chapéu! – a rapariga saiu aos saltinhos.

– Criaturazinha irritante! Abandona-me assim, sem mais nem menos! Isto está a estragar a minha beleza e tinha eu o orgulho de ser lavado de 2 em 2 dias!

Muito inesperadamente um pássaro pega no chapéu e voa com ele preso ao seu bico. Ele, embora desconfortável, adorou a sensação de poder voar, aproveitando cada segundo!

– Só Deus sabe o que já passei..., mas sem dúvida, isto está a ser o melhor de todos os acontecimentos. – afirma enquanto respirava o ar fresco da manhã.

Passado uns minutos é largado e cai num jardim de uma majestosa mansão! Uma mulher alta e magra, abre a porta da mansão e ali vê o chapéu:

– Que magnífico chapéu, se está no meu jardim então passa a ser meu! – diz com a sua voz clara e fina.

O chapéu mal é levado para dentro de casa, já esboça um sorriso de orelha a orelha. Encontrava-se num salão chique e fino, com muitos empregados. Era sem dúvida o sonho de vida do pequeno.

Impacientemente esperava ser usado pela senhora e ser ainda mais invejado, mas ficou nem mais nem menos do que numa... prateleira!

– Excelente meu caro, vai ficar lindo na decoração deste velho armário! – grita a mesma senhora que o recebeu à porta de casa.

O chapéu grita estrondosamente de raiva, mas ninguém o parecia ouvir...

– Que destino triste o meu... o que é que eu fiz de mal? Vou ser esquecido nesta mansão e nunca ninguém se vai lembrar de mim!! – diz chorando amargamente.

Por incrível que pareça ficou naquela mansão por mais de 8 anos! Estava a ficar velho, desgastado e via o mundo a correr lá fora, sem sequer poder mexer-se.

Passado uns tempos a senhora muda de casa e nas mudanças, o pequeno é esquecido lá. Mais anos se passaram e aquela casa ficou conhecida como abandonada.

Um grupo de amigos vai visitá-la, encontrando o famoso chapéu. Um deles não hesita em ficar com ele! Quando o leva para sua casa o chapéu não queria acreditar no que vira!

– Martim, onde foste, já está tarde?! – diz a mãe do menino, até olhar para o chapéu. O que é isso que tens na mão!!?

– Um chapéu que encontrei naquela casa a que todos chamam de abandonada. – diz o rapazito.

A mãe pega nele e grita, pois apesar de desgastado reconhece-o logo! Era nem mais nem menos do que o seu chapéu que havia perdido há muitos anos no meio da chuva, e que já não o via desde a sua infância!

– Este era o meu chapéu... – diz a mãe com lágrimas nos olhos.

E a partir desse dia, o pequeno passa a viver outra vez com a sua antiga dona, ou melhor, com o filho dela. E desta vez fica lá até o seu último dia de vida, aproveitando cada momento...

**Constança Maria Lopes** | 6.º Ano
Agrupamento de Escolas de Cascais | 2.º lugar



# Um peluche perdido

Eu sou um urso de peluche! Sei o que devem estar a pensar, que sou um peluche normal igual a todos os outros... pois enganam-se! Não sei porquê, mas sinto que não sou um peluche igual aos outros, eu acho que tenho algo de especial, e hoje vou contar-vos o porquê de eu achar isso, mais especificamente vou contar-vos a minha história.

Eu não fui como os outros peluches, eu não fui feito numa fábrica nem em algo do género, eu fui criado por uma menina de nove anos! Essa menina só tinha pai pois a mãe tinha falecido. Após a morte da mãe, essa menina e o pai ficaram desnorteados, o pai não sabia como é que ia criar uma filha sozinho ou como ia pagar as contas sozinho, e a filha não sabia como ia conseguir viver sem a mãe.

Sempre que o pai chegava a casa, cansado do trabalho descarregava sempre na menina e como tal ela criou-me, ela conversava comigo e levava-me para todos os lugares e foi comigo que ela conseguiu ultrapassar a morte da mãe. Mas, entretanto, ela cresceu e, tal como todas as pessoas quando crescem, ela já não me dava importância, por isso vendeu-me. A menina que a comprou era uma mimada, fazia muitas birras e os pais dela faziam tudo o que ela queria. E um dia, sem querer ela deixou-me cair ao chão, perto de um parque e eu como sou um peluche não me mexi, e ela continuou o seu caminho e deixou-me para trás. Fui encontrado por uns pais de um menino. Esse menino amuava por tudo e era mal-educado para todos, e os pais dele pensaram que talvez um peluche o ajudasse para descarregar a raiva ou desabafar. Mas estavam enganados, não só me rejeitou como fingiu que me perdeu e deu-me a um orfanato.

Havia um monte de crianças à minha volta a lutar para ver quem ficava comigo, como as crianças estavam a discutir o adulto tirou-me das mãos delas e pôs-me no lixo.

Fiquei lá por horas até que o meu coração começou a saltitar quando

ouvi a voz da menina que me tinha criado, ela ia levar o lixo e quando olhou estava lá eu, já era adulta, mas reconheceu-me logo levou-me para casa lavou-me, secou-me e depois demos um abraço para matar as saudades.
Ela contou-me sobre os pormenores da vida nova dela, já com a sua casa e o seu emprego.
A partir daí nunca mais me largou e eu nunca mais fui odiado, mandado ao chão ou trocado.
Agora estava com quem devia estar!

**Carolina Madeira** | 6.º Ano
Agrupamento de Escolas de São João do Estoril | 3.º lugar



